

ORGANIZAÇÃO FAMILIAR , PRÁTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADES

Resultado de investigación finalizada

GT 25- Educación y desigualdad social

Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim
Universidade Federal de Ouro Preto
Giovani Barbosa Prado
Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo:

Neste artigo temos como objetivo principal trazer os resultados de uma pesquisa sobre a constituição das práticas familiares voltadas ao ensino formal em duas gerações de famílias de camadas populares. Os depoentes são vinculados a um Centro de Referência de Assistência Social do município de Mariana, uma cidade do interior em Minas Gerais/Br) (órgão público vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania da Prefeitura, encontrando-se, portanto, em um quadro de “vulnerabilidade social”. Realizamos, para tal, entrevistas com pais e filhos adultos (18 a 25 anos) baseadas na técnica da História Oral Temática, metodologia esta que se compromete com o relato do entrevistado sobre algum evento definido, no caso, o processo de escolarização.

Palavras-chave: Instituição escolar; Família; desigualdade social.

Traçamos como objetivo principal deste artigo investigar como se constituem as práticas familiares¹ voltadas para a educação em duas gerações de famílias de camadas populares da cidade de Mariana – MG. Para isso, ouvimos pais que estudaram entre os anos 1964 e 1980 e filhos adultos (com idades entre os dezoito e vinte e cinco anos).

Por gerações ponderamos aqui três conjuntos de variáveis analíticas propostas por Domingues (2002). Em primeiro lugar, consideramos uma geração as relações que se traçam no núcleo familiar básico e derivadas diretamente das relações de parentesco (pais, filhos, avós etc.). Em segundo lugar, pessoas nascidas em momentos próximos. E, por fim, as experiências vividas e reflexivamente mediadas entre o indivíduo e o grupo (meio social) em que vive, lembrando-nos sempre que uma geração não se define sozinha, mas sim na interação com outras gerações.

Agregue-se a isso que uma geração não se define isoladamente: é na interação com outras gerações que cada uma delas delinea sua identidade e contribui para a produção das outras. É nesses processos interativos que as gerações se moldam e são moldadas (Domingues, 2002, p. 76).

A proposta de se estudar pais e filhos adultos da mesma família tem possibilitado a apreensão de práticas e comportamentos que se mantêm (ou não) consciente ou inconscientemente de uma geração para outra. Para isso, recorreremos a autores como Bourdieu e Passeron (2008), Lahire (2008), Singly (2007), Nogueira (2005) entre outros, que ofereceram a base teórica metodológica para análise das entrevistas com foco principal na transmissão de legados e disposições intergeracionais e na relação família/escola.

Para a pesquisa foram realizadas um total de quatro entrevistas gravadas. Por se tratar de um tema que exige do sujeito da pesquisa a busca de informações sobre a relação com a escola e a família em suas lembranças da infância e da vida adulta, optamos pela metodologia da história oral. Dentro desta metodologia existem diversas modalidades. Ao privilegiarmos a relação com a escola, centramos em um tema. Daí a opção pela história oral temática. “Por partir de um assunto específico e preestabelecido, a história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido” (Meihy, 1998, p.51). Esta pode ser observada como um instrumento de complemento perante as lacunas deixadas por estudos mais abrangentes e, em nosso caso, a falta de informações documentais sobre as práticas familiares referentes ao ensino formal nas camadas de baixa renda, sendo capaz de destacar peculiaridades regionais e locais, com maior riqueza de informações.

Atualmente, um grande número de trabalhos tem se voltado para a temática vinculada à relação entre família e escola. Contudo, em relação à realidade da cidade de Mariana e da Região dos Inconfidentes, são poucas as pesquisas que buscam analisar o tema, principalmente no que tange às suas relações com a história.

1. O bairro

Todos os nossos depoentes vivem hoje no Bairro Santa Rita de Cássia (no município mineiro de Mariana). O local é um dos mais afastados do centro administrativo do município, tendo apenas duas escolas públicas na proximidade: a Dom Oscar e a Monsenhor José Cota. Ambas só cobrem o ensino fundamental, sendo necessário aos alunos que ingressam no ensino médio se deslocarem até as regiões mais centrais da cidade.

Seus moradores, na maioria, são considerados de baixa renda existindo na região uma considerável área de invasão de terras na qual três de nossos depoentes vivem. Normalmente estas regiões de ocupação irregular não são favorecidas por, praticamente, nenhuma prestação de serviços públicos como: água, esgoto ou entrega de correspondências. Atividades culturais como teatro ou shows, praticamente não existem no local. Os eventos que ocorrem geralmente são organizados por moradores e não pelo poder público. Dentre eles podemos destacar as Festas Juninas e o Festival de música Fala Favela.

Caso 1 – A família do Senhor José e o seu filho João.

O primeiro depoente, que chamaremos de Senhor José, tem uma companheira que denominamos Marta. Ela, assim como ele, estudou apenas até o equivalente ao atual 5º ano do ensino fundamental. Senhor José consegue, com os “bicos” que realiza uma renda que gira em torno de quatrocentos reais mensais. Já Dona Marta, não possui rendimento fixo.

Nosso depoente vive em um domicílio paupérrimo fixado em uma área de ocupação irregular. Uma casa pequena, sem acabamentos e construída praticamente toda com restos de materiais coletados. Seu filho, nosso segundo entrevistado e que apelidaremos de João, se deslocou até esta residência para nossas entrevistas. A gravação do depoimento foi feita próxima a um fogão de lenha da casa para maior luminosidade, pois começava a escurecer e a ligação elétrica do local, que era ilegal, havia sido cortada há poucos dias.

A família do senhor José é composta, então, por João e mais duas filhas. No entanto, todos eles são de outras companheiras que teve no passado. A filha mais velha e a do meio, respectivamente com 30 e 27 anos, não são vistas por nosso entrevistado desde quando eram crianças. São frutos de um casamento mal sucedido, e após a separação do casal a mãe e as garotas acabaram por se distanciar. O filho mais novo, João, também não vive com o pai. Mora em uma casa vizinha, mas está sempre por

perto, tendo sido acompanhado por ele durante sua vida com uma atenção especial. Sua idade é de 18 anos. A mãe deste jovem foi a segunda esposa do senhor José, também de uma união mal sucedida.

João sempre residiu na mesma casa, junto com sua mãe e um primo cuja mãe faleceu precocemente. Ele, assim como o pai, tem poucos anos de escolaridade. cursando apenas até o contemporâneo quinto ano do ensino fundamental, abandonou os estudos para trabalhar como servente de pedreiro. Tem ainda mais um irmão, apenas por parte de mãe, que desempenha a função de pedreiro. Em sua residência todos os membros trabalham para o sustento da casa, inclusive sua mãe, que é gari.

Caso 2 – A família da Dona Maria e sua filha Ester

Já a nossa terceira entrevistada, evocaremos pelo nome de Dona Maria. Esta senhora vive, atualmente, em uma pequena casa doada pela Prefeitura Municipal de Mariana com a sua filha, apelidada aqui por Ester, de 18 anos e que também é nossa depoente. Sua residência é pequena e com poucos cômodos, todavia, está bem acabada e aparenta ser recém construída. Nossas entrevistas foram gravadas no local. A vizinhança é praticamente toda formada por residências ofertadas por programas sociais. Um lugar com poucas expectativas educacionais e poucos recursos, onde elas vivem há mais de uma década.

A composição familiar deste lar, como no caso do João, é também matrifocal (não havendo no núcleo a presença de um pai). Outro dado importante a se destacar é que, atualmente, Ester está grávida e na casa mãe e filha estão desempregadas. A pequena renda que as sustenta é proveniente de programas governamentais e de uma pensão do seu pai, que é barbeiro e com quem tem pouco contato.

Entre irmãos e irmãs, Ester tem aproximadamente sete, todos por parte somente de pai. Todavia, tem contato e conhece apenas alguns. Estes têm suas trajetórias escolares semelhantes à dela e de sua mãe. Não tendo o ensino médio completo, suas profissões são sempre vinculadas à baixa remuneração.

Não conheceu seus avós. Mas tem como avó, “por consideração”, uma pessoa que muito auxiliou em sua criação. É a madrinha de sua mãe, que morou com elas durante 12 anos, fazendo parte de sua vida. Em uma época de dificuldades financeiras, foi ela quem as apoiou.

2. A escola dos pais: infância, contexto e práticas familiares

Após a apresentação, na contemporaneidade, das famílias de nossos depoentes (tanto pais, quanto filhos), realizaremos nesta etapa um mergulho ao passado. Iniciaremos nossa exposição explorando, brevemente, o contexto social (amigos, familiares e vizinhos) onde o Senhor José e Dona Maria passaram sua juventude.

Durante os anos que passaram a ditadura militar brasileira, isto é, entre a década de 60 e 70, José vivia em um distrito da cidade de Mariana – MG, chamado Bandeirantes. Sua mãe era doméstica e não chegou a estudar por muito tempo. Em relação aos seus avós, conviveu apenas com dois deles, ajudando a cuidar do mais velho, que viveu até os noventa anos. Residia, na época, com onze irmãos, sendo dois hoje falecidos. Todos, seguindo a mesma trajetória de nosso protagonista e de seus pais, tiveram pouco tempo de instrução formal. Somente dois deles, assim como José, chegaram a cursar o equivalente ao atual quinto ano do ensino fundamental. O restante estudou tão-somente até o quarto ou terceiro ano.

Já Dona Maria, em uma trajetória similar, teve a mesma escolaridade do Sr. José. Viveu, no período, no município de Águas Claras, chegando lá aos oito anos. Morava com seu pai, sua mãe e seu irmão. Este era paralítico e devido às suas limitações foi sempre auxiliado por ela, desde a tenra idade. Era sempre acompanhado pela irmã em tudo. Já a mãe de Dona Maria, assim como ela, estudou pouco

e era dona de casa. Seu pai, que morreu quando nossa depoente tinha apenas 10 anos, mesmo cursando o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), teve também poucas oportunidades de emprego e de escolaridade. Trabalhou em serviços braçais na Companhia Belgo-Mineira durante boa parte da carreira. Já seus avós, dona Maria não chegou a conhecer. Acredita-se que eram lavradores, mas não se recorda muito bem das informações passadas por sua mãe sobre eles durante sua infância. Quanto ao restante da família, nenhuma lembrança de algum membro que tenha cursado a universidade ou feito um curso técnico.

Da minha família? Por aqui não tem nenhum. Por aqui não tem nenhum. Ah, lá para fora, Belo Horizonte... Deve ter (Dona Maria, 55 anos).

É consensual entre a maioria dos pesquisadores (Diogo, 2010.) que, no rendimento dos agentes frente à escola, faz parte, primordialmente, a herança social composta por um contíguo de informações, conhecimentos, atitudes e posturas recomendadas. Estes comportamentos foram enrijecidos pelo *habitus*ⁱⁱ perante as experiências retiradas do contexto em que viveram. Até mesmo a postura corporal e gestual, os gostos e as opções de consumo desses sujeitos, distante do que a escola tem como ideal, foram avaliados. A falta de experiências escolares “bem sucedidas” à volta de nossos depoentes foi, portanto, um grande dificultador a ser superado. Não só a falta de *capital cultural*ⁱⁱⁱ, como nos aponta Bourdieu (1998) advindo das distancias das pessoas do meio em relação ao que a escola exigia, como também um baixo *capital econômico*^{iv} e *capital social*^v, estavam indubitavelmente atreladas a uma “preempção” e a trocas materiais e simbólicas que interferiam em suas práticas.

No caso do Senhor José, por exemplo, seus vizinhos eram, em sua maioria, parentes. Levavam todos uma "vida dura", segundo ele. Trabalhavam desde tenra idade cortando lenha e fazendo carvão para auxiliar no sustento da casa. Também plantavam e vendiam verduras na feira da cidade de Mariana – MG.

Já Dona Maria, quando jovem, tinha por vizinhos, na maioria, primos. Estes também tinham pouca escolaridade e uma vida com poucos recursos e empregos braçais. Na infância viveu com a família e conviveu como uma amiga especial, sua madrinha. Morando perto de sua casa, ela foi sempre uma figura presente. Sua profissão foi um referencial para as demais pessoas que viviam próximas à nossa depoente: ela era costureira, uma profissão que exige prática, mas pouca escolaridade. Vejamos um trecho de nosso diálogo, quando indagada sobre as pessoas que eram mais próximas a ela em sua criação.

Um é com a minha mãe, e outro é com essa amiga que eu tinha. Que eu falei. Eu morei muito tempo com ela em Mariana (Dona Maria, 55 anos).

Frequentou na infância a Igreja Católica, fazendo parte inclusive de um coral. Convivendo com amigos também de pouca escolaridade, não os teve como exemplo e como incentivo para o estudo. Pelo contrário, sentia-se inserida no grupo, identificava-se com ele, pois fazia parte de um meio no qual ter o atual quinto ano do fundamental era o máximo. O trabalho sim, era o mais valorizado pelas famílias. Praticamente todos seguiram suas vidas com empregos que exigiam pouca qualificação e com baixa remuneração. A maioria manteve-se trabalhando em fazendas ou posteriormente no setor agrícola.

Inseridas em um contexto ditatorial militar, as escolas frequentadas pelo senhor José e Dona Maria estavam cerceadas por um contexto ideológico e político que evitava debater as desigualdades sociais de nosso país nos mais variados âmbitos. A interdependência do Brasil em relação aos moldes

de produção e ensino estadunidenses, juntamente com as perseguições de grupos que pensavam o contrário, favoreceram a implantação da Teoria do Capital Humano. Suas reflexões, conforme destaca Hilsdorf (2003), propunham que bastaria investir nas habilidades e nos conhecimentos obtidos com a escolarização formal para que o desenvolvimento pessoal e social acontecesse. Fundamentou-se, assim, um ensino nacional dual onde um contexto de expansão do acesso à escola se concretizava de forma distinta para cada camada social. Ao mesmo tempo, as famílias de baixa renda, durante estas décadas, passaram cada vez mais também, em termos de evolução qualitativa, a investir em escolaridade, como único meio de inserção no mercado de trabalho e ascensão social. Com o surgimento de novas tecnologias era uma exigência do mercado a melhor qualificação dos trabalhadores (Beisegel, 2004).

Deste modo, as práticas voltadas ao ensino e os investimentos das famílias de nossos depoentes, visando garantir melhores condições futuras aos seus membros mais jovens, foram determinadas a partir de experiências de sucesso experimentadas no seu contexto social. Cada família, assim sendo, transmitia aos filhos, de maneira majoritariamente indireta, seu *capital cultural* e seu *ethos* (Bourdieu; Passeron, 2008). Contudo, cada caso tem algumas características que divergem de um conceito puramente vinculado ao de classe social

A rotina diária do senhor José, neste período, começava logo cedo, às cinco horas da manhã. Sua mãe preparava para ele e os irmãos um “mexidão”^{vi}. Este seria seu alimento na escola que, naquele tempo, não oferecia merenda aos alunos. A instituição de ensino que frequentou ficava no pequeno distrito em que morava. No entanto, dever-se-ia andar cerca de 20 minutos para se chegar até ela. O trajeto era feito a pé, utilizando-se, como calçado, apenas um par de chinelos. O prédio onde funcionava a escola era velho, mal cuidado e sem infraestrutura.

Já a professora do senhor José morava em seu local de trabalho. Em relação a ela, as críticas eram muitas. Para serem aprovados – “passar de ano”- as dificuldades eram grandes, tanto para ele quanto para seus colegas, que repetiam constantemente de série. E quanto à indisciplina, os jovens chegavam a ser corrigidos até mesmo por meio do castigo físico.

Os pais do Senhor José, procuravam ainda fazer com que seus filhos tivessem sempre boas notas ajudando, como podiam, nos deveres e aprendizados cobrados pelo ensino formal. Um tipo de mobilização familiar destacado por Lahire (2008) e Nogueira (2005). É importante ressaltar as dificuldades que tal auxílio deveria representar, já que o nível de instrução dos pais era igualmente baixo.

A Escola em que Dona Maria estudou quando era jovem se chamava Escola Municipal Combinado de Águas Claras. Ficava próxima à sua casa e era fácil chegar a pé. As lembranças que tem do local são geralmente boas. De seus professores, guardou boas recordações. Da estrutura do prédio e de sua organização, também traz boas memórias.

Em relação à família, sua escola também se manteve distante, não procurando proximidade com os pais das crianças. Os pais de Dona Maria raramente iam até o local; no entanto, nossa depoente afirmou que sempre foi uma aluna obediente e aplicada.

Quanto às tarefas e às notas, entretanto, ficavam vigilantes. Queriam saber se estavam indo bem e sua mãe procurava auxiliá-la em casa, sempre que possível. Também costumava reforçar para ela a importância dos estudos, como no caso do senhor José.

3. A escola dos filhos: infância, contexto e práticas familiares

Vimos os pais que, mesmo com dificuldades, traçavam estratégias na realização de suas práticas escolares, valorizando sempre o ensino formal. Nos anos 60 e 70 ter acesso ao conhecimento que a escola oferecia, mesmo que em pequenas quantidades, era importante. Na década de 1990 tal

conhecimento passou a ser prioridade (Silva JR, 2002). Em consonância com as exigências do mercado, que determinava cada vez mais especialização do indivíduo para o atendimento de suas demandas, a política educacional passou a priorizar investimentos na educação primária e o acesso a ela para todos (Saviani, 2007).

Reflexo deste contexto, o nível de instrução dos filhos depoentes começava a se elevar em relação a seus pais. Com as transformações da época, a educação se tornava, no entanto, cada vez mais voltada para o indivíduo e para a capacidade de competição. Contudo, as dificuldades que João e Ester tiveram perpassaram pela mesma corrida desleal que a de seus pais. A falta de experiência escolar ao redor, além de um baixo *capital econômico, social e cultural*, como na infância de seus pais, os manteve também em desvantagem perante as camadas médias da sociedade (Bourdieu; Passeron, 2008).

José e seu filho João, quando indagados a respeito dos jovens com idade entre 20 e 25 anos que vivem nas redondezas de sua casa, enfatizam que eles têm, no máximo, o ensino fundamental completo. Dentre as profissões que exercem, as mais costumeiras são voltadas a trabalhos braçais.

Ester corrobora com a afirmação e menciona que o local tem poucas expectativas educacionais e poucos recursos. Onde ela vive há mais de uma década, seus vizinhos, em sua maioria, têm baixíssima escolaridade e não têm interesse pelos estudos. Todavia, começamos a notar, sob a ótica de Ester, que alguns casos fogem desta norma, algo que se encaixa nas peculiaridades destacadas por Lahire (2008). Alguns chegaram a fazer cursos técnicos, tendo hoje melhores condições de trabalho. Contudo, ainda distantes de uma grande ascensão social.

Diante do quadro traçado que nos permitiu conhecer um pouco da vida de nossos sujeitos, acompanharemos agora um pouco da rotina deles e suas práticas escolares. Observaremos ainda, como fizemos com os seus pais, quais as disposições em relação à educação escolar permanecem de uma geração para outra. Tudo isso, resultado da preempção, ou seja, de uma percepção antecipada das propriedades relacionadas a bens que se deseja adquirir sobre o futuro, sobre as posições que parecem possíveis de serem ocupadas.

Enfim, poderemos ainda notar um enquadramento dos membros de classes populares em uma relação de um controle social exercido sobre as famílias, onde elas se esforçam para que os filhos se adequem as normas deste ensino formal. Uma relação entre indivíduos ou grupos que ocupam posições distintas no espaço social: “de um lado, os professores, membros das classes médias assalariadas; de outro, as famílias populares, caracterizadas por seu pertencimento às classes sociais mais desprovidas e mais dominadas no espaço social” (Thin, 2006, p. 212).

João, quando jovem, acordava bem cedo para ajudar a mãe nos afazeres domésticos. Às setes horas da manhã já estava de pé e por volta do meio dia, ia para a escola Municipal Monsenhor José Cota. A instituição ficava próxima de sua residência, não havendo grandes dificuldades no deslocamento.

Em seu depoimento, não considerou o ensino que recebeu como de boa qualidade e das disciplinas, gostava muito de português e, como o próprio se referiu, “odiava ciências”. No geral, afirma que “não era muito fã dos estudos”.

Em casa, fazia suas tarefas escolares apoiado, neste esforço, pelo irmão e seu pai, pois sua mãe era analfabeta. Assim, as práticas escolares de sua família voltadas à educação e a preocupação em relação à sua permanência e continuidade dos estudos existiram. Seus pais acreditavam que uma das formas para que ele viesse a ter uma vida mais confortável no futuro seria através do ensino. Contudo, havia ainda, como no caso dos pais depoentes, uma “fraqueza dos recursos culturais e escolares” que os progenitores poderiam mobilizar em suas relações com a escola para contribuir com a escolaridade de seus filhos (Thin, 2006, BOURDIEU, 1998; NOGUEIRA, 2005; LAHIRE, 2008. e outros).

Queriam me ajudar. Queriam que eu aprendesse. Queria que eu “sesse” uma coisa melhor que eles. Quando eu falava que queria parar [de estudar] ela me corrigia. Falava que não ia deixar (João, 18 anos).

No caso de Ester, a sua rotina começava pela manhã. Ela, juntamente com a prima, tomavam café, assistiam desenhos e depois iam para a escola. Estudou em várias escolas, desde a Escola Municipal Monsenhor José Cota, a mesma que João, nosso depoente anterior, frequentou, como outras instituições um pouco mais distantes de seu bairro, como a Escola Dom Benevides. Chegar a algumas delas não era tarefa fácil e exigia, muitas vezes, um longo trajeto a pé. Isto fazia com que a frequência nas aulas fosse prejudicada.

É. Por isso que tinha dia que eu nem ia né? Desânimo demais de descer e subir a pé (Ester, 18 anos).

Em relação às matérias estudadas, gostava de parte delas, com exceção de física, química e matemática. Ester era considerada pelos professores uma boa aluna. Admira, hoje, refletindo sobre o seu passado, aqueles que lhe cobravam mais e eram mais exigentes.

Eu nuca reclamo de professor não. Já reclamei. Tipo assim, quando eu era mais nova eu reclamava sim, mas aí era diferente a cabeça. Era outra. Aí eu pensava assim: Ah, professor é muito rígido, que isso, que aquilo... Mas eu penso que quanto mais rígido melhor o professor é, pra mim! Pelo meu ponto de vista. (Ester, 18 anos).

Entre as escolas que estudou, como no caso anterior, a maioria buscava uma aproximação com os pais. Dona Maria, sua mãe, procurava estar sempre presente em todas as reuniões. Só depois que ela foi ficando mais velha é que esta constância foi se escasseando.

Quanto às práticas escolares no meio doméstico, sua mãe também se fazia presente buscando auxiliar nas tarefas de casa. Corroborando com as reflexões bourdieusinas, as limitações em seu nível de instrução acabavam se constituindo em uma barreira para o ensino. Contudo, o envolvimento se dava em ações diárias de vigilância e controle que não exigia grande conhecimento das disciplinas, como “olhar o caderno”, acompanhar no momento dos deveres, participar das reuniões de pais, entre outros.

Ela me ensinava os deveres de casa, olhava os cadernos se estavam os deveres todos em dia. Ela... Quando tinha reunião ela sempre ia, não faltava (Ester, 18 anos).

Em relação às estratégias de estudos traçadas por sua família, outra pessoa a lhe auxiliar era sua madrinha, que também tinha muitas limitações. Nestes afazeres, Ester não tinha um tempo específico ou um local para o desempenho destas atividades. Sua mãe e sua madrinha deixavam a seu critério as escolhas.

Eu sempre fazia no horário que me dava na cabeça. Eu nunca tive... Eu sempre assim, depois que eu vim para cá não né? Porque eu já vim mais velha né? Aí não tinha tanto assim essa pegação... Mas eu sempre mesma fiz meus horários.

A hora que eu via que dava eu fazia. Mas eu sempre tirava um tempinho (Ester, 18 anos).

Contudo, caso Ester não cumprisse satisfatoriamente suas obrigações escolares, era punida tanto pela mãe quanto pela madrinha. O incentivo em casa, mesmo com as limitações e com os distanciamentos da família do *capital cultural* dominante, talvez tenham sido a chave para Ester cursar até o segundo ano do ensino médio.

Assim, embora tenha havido uma ampliação das vagas e do acesso ao ensino, as dificuldades de ascensão através da educação formal e seus percalços se diferiam de uma camada social para outra. Através das entrevistas feitas e da literatura pesquisada, pode-se observar que o envolvimento entre a família e a escola era variável e dependente de inúmeros fatores. Estes tinham como origem o capital cultural, social e econômico de que a família dispunha e que eram transmitidos geracionalmente. Como consequência, as estratégias e os arranjos cotidianos traçados por elas, para salvaguardar a trajetória escolar das crianças e jovens, variavam, vinculando-se às suas condições na estratificação social, às regras de cada uma e às experiências vivenciadas pelo grupo em relação à escola. Tendo em vista que as barreiras encontradas nesta pesquisa são parte de uma realidade brasileira, os resultados não poderiam apresentar grande discrepância do contexto nacional.

Observamos, pela memória dos depoentes, que houve investimento das famílias nos seus estudos, porém a sua continuidade era (como ainda o é) um grande desafio a ser vencido. Embora alguns tenham conseguido alcançar melhores resultados em relação a outros, a lógica da necessidade financeira, somada a uma política educacional distante da maior parte da realidade dos brasileiros, se impôs, impedindo melhores resultados. Alguns sonhos, com isso, se frustraram.

Senhor José, por exemplo, ainda almeja o retorno do filho à escola. Contudo, mesmo nesta expectativa, não tem grandes ambições para ele. Gostaria que fosse para o Exército, em Belo Horizonte, seguir a carreira de soldado.

Dona Maria também tem seus sonhos em relação à vida estudantil da filha. Ester, mesmo tendo interrompido seus estudos, almeja frequentar uma universidade. O curso de História é sua opção principal, mas confessa que também pensa em Pedagogia. A influência de alguns amigos e parentes que fizeram o curso superior contribuíram nesta tomada de decisão. Contudo, não se sabe suas reais condições para tal.

A escola esteve, assim, cada vez mais presente na vida de nossos depoentes com o passar das gerações e com as mudanças nas políticas educacionais. No entanto, famílias não se constituem como uma estrutura monolítica. Neste ínterim, ambas as instituições, família e escola, refletiram tantas mudanças da sociedade, que uma gama de alternativas e propostas foram engendradas e inseridas no ensino. Isso acabou se reproduzindo em uma grande teia de ideias, métodos pedagógicos e projetos que não necessariamente compartilhavam de uma teoria adequada para as duas instituições.

As diferenças de socialização e práticas vivenciadas por cada uma das duas gerações influenciaram na forma de investimento e na escolarização dos filhos. Nesse contexto, observou-se que a escola ainda não estava preparada para respeitar as diferenças, desafiando o modelo de “monólogo científico”, cuja espinha dorsal se baseava em uma dosagem de abuso do saber e de certo autoritarismo. Pouco avanço houve, já que a instituição escolar não se preparou para ouvir a “linguagem” das camadas populares, que se tornavam presentes em seus quadros, fazendo-se necessário uma tomada de consciência em relação às suas características.

Observava-se assim, a imensa distância entre a realidade acadêmica e a doméstica na sociedade brasileira, o que acabou desembocando em um sistema educacional incompleto e desigual. Com isso, a chamada crise da escola ganhou fôlego ante um sistema que exigia, dos lares de baixa renda, uma

educação sólida, comprometida e eficaz, quando na verdade nem sempre estas famílias eram munidas de arcabouço cultural para fornecer essa educação.

Conclusão

A pesquisa de campo apontou para a desvalorização das práticas familiares no que se refere ao conhecimento científico e de caráter educador da escola. As experiências de fracasso observadas entre as gerações e as pessoas próximas, além da falta de conhecimento dos “caminhos” escolares, acabaram por ampliar as barreiras de possibilidades de possíveis êxitos. Embora se tenha avançado muito nos discursos que buscavam trazer novamente as famílias e seus conhecimentos para dentro das salas de aula, o ensino formal conservou muito dos fundamentos das escolas tradicionais que exigem um conhecimento e uma socialização distante das camadas populares. Os docentes cobram dos pais providências a serem tomadas, muitas vezes distantes de suas realidades e dos tempos escolares (menos voltados à vida cotidiana). Os pais criticavam, por sua vez, os métodos adotados pelo ensino, porém, sentem-se acuados com a imposição de regras por parte do ensino formal, que desqualificou seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, cobrou maior investimento e manutenção do comportamento exigido da prole, ações difíceis de se concretizarem para estas famílias com baixo capital econômico e cultural.

Assim, por mais que as práticas escolares de algumas famílias com baixo poder aquisitivo tenham levado a algum sucesso, estes foram limitados e inferiores em relação às camadas mais privilegiadas. Ciclo difícil de romper...

Bibliografia

Beisegel, Celso de Ruy. (2004). *Estado e educação popular: Um estudo sobre a educação de adultos*. Brasília: Líber.

Bourdieu, Pierre. (1998). *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Bourdieu, Pierre; Passeron, Jean-Calude. (2008). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Diogo, Ana Matias. (2010). Do envolvimento dos pais ao sucesso escolar dos filhos: mitos, críticas e evidências. *Revista Luso-Brasileira de Sociologia da Educação*, 1.

Domingues, José Maurício. (2002). Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, 14(1), 67-89.

Hilsdorf, Maria Lúcia Spedo. (2003). *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Lahire, Bernard. (2008). *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática.

Meihy, José Carlos Sebe Bom. (1998). *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola.

Nogueira, Maria Alice. (2005). A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social* (Lisboa), 40 (176) 563-578.

Saviani, Demerval. (2007). *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados.

Silva JR, João dos Reis. (2002). Mudanças estruturais no capitalismo e a política do Governo FHC: O caso do Ensino Médio. *Educação & Sociedade*, 23(80) 203-234.

Singly, François de. (2007). *Sociologia da Família Contemporânea*. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Thin, Daniel. (2006). Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, 11(32).

ⁱ As práticas escolares investigadas foram o acompanhamento dos pais em relação aos filhos em idade escolar, que compreenderam o auxílio nos deveres escolares, a participação e proximidade com a escola, incentivo à leitura e ao estudo, cuidados com os materiais escolares e com a disciplina e demais ações que envolvem o cotidiano de apoio à escolarização.

ⁱⁱ O *habitus* é o que o autor considera como matriz para os comportamentos. Ele se incorpora aos indivíduos a partir do contato com a sociedade em que vivem, organizando suas ações a partir de suas culturas (Bourdieu, 1998).

ⁱⁱⁱ Sinteticamente e seguindo as palavras do próprio Bourdieu, o *capital cultural* se define como uma herança puramente social composta por um contíguo de informações e conhecimentos, por atitudes e posturas que, em sua visão, vêm a ser responsáveis pela diferença de rendimento dos agentes frente à escola (Bourdieu, 1998).

^{iv} Por *capital econômico* temos os bens monetários, ou seja, a quantidade de recursos financeiros disponíveis por determinado grupo (Bourdieu, 1998).

^v O *capital social* está vinculado à rede de relações que o indivíduo consegue mobilizar e que pode utilizar em favor próprio. Isto depende do volume dos outros dois capitais e os faz pertencentes e reconhecidos por outros agentes como pares (Bourdieu, 1998).

^{vi} Prato que leva diversas combinações. Normalmente feito com sobras dos dias anteriores.